

APRESENTAÇÃO

A África, como continente e como espaço de expressão literária e artística, vem chamando a atenção de inúmeros acadêmicos nos últimos anos, sobretudo pela perspectiva dos estudos pós-coloniais. Esses estudos encontram desdobramentos em produções de outras partes do mundo, como as Américas Central e do Sul, majoritariamente, por conta do legado colonial compartilhado. Nessa perspectiva, Ngũgĩ wa Thiong’o (1987) argumenta que a linguagem nas literaturas africanas não pode ser significativamente discutida desconsiderando as forças sociais que a criaram. Logo, a literatura apresenta-se como o estímulo para ampliar os debates sobre abismos humanitários de diferentes ordens. O desafio para os estudos sobre literaturas africanas, contudo, é evitar cair nas armadilhas de uso, por exemplo, do que o escritor queniano Binyavanga Wainaina (1971-2019) ironicamente destaca como sendo termos estereotipados, tais como “safari” ou “escuridão” em títulos de trabalhos, e “Zulu”, “céu”, “grande”, “sombra”, “sol” ou “Nilo” em subtítulos (WAINAINA, 2005).

Com base nesses argumentos iniciais, a proposta do dossiê foi mostrar que a África é muito mais do que esses e outros estereótipos, realçando a riqueza artística, literária e cultural do continente (KANNEH, 1998), nas suas mais diversas formas de expressão. Acreditamos que os textos que compõem este dossiê temático são uma amostra variada dessas múltiplas leituras possíveis principalmente porque entendemos que estabelecem diálogos ricos entre as literaturas africanas e a brasileira. Sete artigos retratam temáticas diversas por meio de um passeio pelo continente:

1. O artigo “As literaturas africanas e o espaço: algumas reflexões preliminares a partir de Chimamanda Adichie, Buchi Emecheta e J. M. Coetzee”

traça um panorama centrado na compreensão do espaço tornado lugar e como este é retratado em romances de escritores respeitados daquele continente. A proposta do artigo amplia compreensões possíveis ao colocar centralidade em um aspecto estruturante e altamente significativo de romances africanos de modo a contextualizar historicamente essas obras.

2. Em “Narrativas de uma pátria cindida: a representação ficcional de Angola pós-independência nos contos ‘O elevador’ e ‘Abel e Caim’, de João Melo”, problematiza-se o período conturbado que levou à independência de Angola. Também se destacam conflitos durante o colonialismo português em Angola que acabaram por dividir grupos, destruir famílias e afetar laços de amizade, como nos textos do angolano João Melo que são analisados no artigo.

3. Em “Linha de cor e comportamento enunciativo em romances negristas”, apresenta-se um estudo focado no Negrismo, entendido como fenômeno no romance brasileiro do século XX, a partir de categorias de análise aplicadas ao dialeto literário negrista encontrado nas obras “Xica da Silva”, “A marcha” e “Os tambores de São Luís”. O objetivo foi analisar o comportamento enunciativo de personagens brancos e negros e evidenciar embates sociais significativos.

4. No artigo “O realismo animista em *As Areias do Imperador*, de Mia Couto”, analisa-se a trilogia *As Areias do Imperador*, do escritor Moçambicano Mia Couto, sob a ótica do realismo animista. O paradigma animista é típico de culturas africanas, em que ambos os mundos real e insólito coexistem com a mesma importância para a mundividência. A trilogia se passa no século XIX, em que Moçambique era governado por Ngungunyane, o último grande líder do Estado de Gaza e símbolo de resistência ao colonialismo português. Embora inspirada em fatos e personagens reais, o realismo animista, é o princípio estruturante da narrativa de Mia Couto.

5. O artigo “Escritas negras importam: Maria Firmina dos Reis e seu romance *Úrsula*” se orienta pela premissa de mostrar os pontos do romance nos quais a

autora inaugura e expõe o discurso antiescravista na literatura brasileira. A partir do romance de Maria Firmina dos Reis é possível pensar em entrecruzamentos entre literatura e história e ampliar a fortuna crítica tanto sobre a autora quanto sobre essas duas áreas do conhecimento.

6. “Ausência de voz, presença de poesia: um estudo breve da produção de Micere Githae Mugo” apresenta uma breve análise - centrada nas significações do conceito de "casa" - do poema “Wife of the husband”, de autoria da queniana Micere Githae Mugo. A partir da crítica pós-colonial, o artigo mostra como a imagem da “casa” é polissêmica e opera como uma manifestação contrária ao colonialismo, um resgate da memória de seus conterrâneos. No poema, "casa" pode ser entendida como uma metonímia para Quênia, onde a autora reivindicou melhores condições de vida, igualdade de gênero e direitos humanos, antes de ser exilada e destituída de sua cidadania.

7. O artigo “*A Geração da Utopia*: a representação dos jovens na construção da independência de Angola” aborda o romance *A Geração da Utopia*, publicado em 1992 pelo escritor angolano Pepetela, tendo como foco a análise de elementos que permitem ao leitor acompanhar de forma pormenorizada como se deu o conturbado movimento de independência de Angola, ocorrido na década de 1970. O foco do artigo está no modo como se deu a representação literária do comportamento, dos pensamentos e dos ideais dos jovens angolanos envolvidos no processo, culminando em alterações significativas na construção da própria visão de nação.

Dois dos artigos submetidos debruçam-se sobre a literatura brasileira e abordam temas que são caros aos estudos das produções literárias do sul geográfico, tais como o silêncio, o fantástico e a presença de um céu que convida à contemplação e aos questionamentos.

8. O artigo “Do Palácio da ventura ao Céu abscôndito do Nada – A consciência desesperada na poesia de Antero de Quental e Augusto dos Anjos” analisa como

as poesias de Augusto dos Anjos (1884-1914) e Antero de Quental (1842-1891) mantém uma estrutura de um sentir trágico, a partir dos conceitos de estrutura trágica do sentimento de Raymond Williams e de desespero humano, de Søren Kierkegaard. A pesquisa aponta que a tragicidade emerge em ambos os poetas no reconhecimento de uma consciência desesperada. A linha trágica predominante na poesia de Antero de Quental se mostra com a putrefação da subjetividade/alma, enquanto em Augusto dos Anjos, com a putrefação da materialidade/corpo.

9. O artigo “O Fim do Mundo: uma análise sob a perspectiva do fantástico” revisita a teoria do fantástico tendo como objeto de estudo o conto “O Fim do Mundo”, escrito em 1857 por Joaquim Manuel de Macedo. Partindo da própria indefinição do que pode (ou não) ser considerado fantástico, o artigo descreve a presença do elemento insólito na narrativa ambientada na cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, trazendo temáticas nacionais que permanecem válidas e oportunas para discussão nos dias de hoje.

E os textos que fecham este dossiê temático apresentam contribuições concentradas no Hemisfério Norte - continente europeu - e que contribuem para mais descobertas, por permitirem a ampliação de nossos horizontes também a partir da diversidade de gêneros textuais abordados: transitamos entre uma peça teatral que retrata a vida burguesa na Estocolmo do século XIX e um romance inglês do século XX ambientado em um universo de fantasia que mostra a possibilidade de heroísmo em um ser que, aparentemente, nada tem de extraordinário.

10. O artigo “A poética do silêncio em *A Mais Forte*” nos leva à Suécia do século XIX e sua relevante produção teatral representada pelo dramaturgo, romancista, ensaísta e contista Johan August Strindberg (1849-1912). Sob a perspectiva da poética do silêncio, o posicionamento e a interação das personagens - Sra. X e Srta. Y - em cena na peça “A mais forte”, escrita em 1889, são observados, e

remetem também ao sentido do silêncio em outras manifestações textuais (como os escritos do budismo e do cristianismo) ou artísticas (como a performance de Marina Abramović e os poemas de João Cabral de Melo Neto e Paul Celan).

11. O texto “A jornada do “herói” em *O Hobbit* (Tolkien, 2012): Bilbo Baggins e o monomito” enfoca o romance *O Hobbit*, de J. R. R. Tolkien, mais especificamente o protagonista, Bilbo Bolseiro, seguindo os pressupostos da jornada do herói, acompanhando o desenvolvimento da personagem e, a partir de episódios selecionados, pondera sobre a possibilidade (ou não) de considerá-lo um herói na referida narrativa.

Encerrando o número a resenha do romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida, lançado no Brasil em 2019 e que traz à tona o instigante e urgente tema acerca da exiliência, explicitado na ficção da escritora que controli a narrativa em torno do tema da imigração angolana em Portugal, levando à expansão da “relação da linguagem com o mundo material que nos cerca, possibilitando, assim, que novas maneiras de interpretação (e de expressão) do sujeito exilado venham à luz”.

Por fim, agradecemos a todos aqueles que submeteram seus textos para compor este dossiê e convidamos os leitores para desbravar este universo de reflexão e (auto)conhecimento.

Janice Inês Nodari
João Pedro Wizniewsky Amaral
Mônica Stefani

*Curitiba/PR, Santa Rosa/RS, Santa Maria/RS,
18 de novembro de 2021*